

LINHAS DE APRENDIZAGEM: MAPAS MENTAIS COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Aldineia Nunes de Abreu

Governo do estado do Amapá, Macapá, AP, Brasil
anageoap@yahoo.com.br

Gutemberg de Vilhena Silva

Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP, Brasil
Universidade Estadual do Ceará, Programa de Doutorado em Políticas Públicas, Fortaleza, CE, Brasil
gutemberg@unifap.br

RESUMO

Este texto explora o papel do mapa mental como uma ferramenta metodológica no ensino de geografia, no contexto da educação básica. O uso de mapas mentais no aprendizado de geografia é abordado mediante uma revisão abrangente da literatura, enfocando particularmente as metodologias ativas. Os autores sublinham a importância crucial das aulas de campo, que proporcionam uma experiência imersiva e direta para os alunos, ao mesmo tempo que reforçam os conceitos aprendidos em sala de aula. Para ilustrar a aplicação prática do mapa mental na geografia, este trabalho fornece um estudo de caso detalhado das cidades de Oiapoque, no Amapá, Brasil, e Saint-George de l'Oiapock, na Guiana Francesa. Este artigo expande ainda mais a utilização do mapa mental, abordando a incorporação de elementos mais criativos como a fotografia, a música e a poesia. Esses recursos pedagógicos adicionais podem enriquecer significativamente o processo de ensino-aprendizagem, ajudando a envolver os alunos, para despertar o seu interesse. Conclui-se que o uso de mapas mentais, juntamente com essas outras ferramentas pedagógicas, proporciona uma abordagem participativa no ambiente de aprendizagem, permitindo que o aluno se envolva, de forma mais completa e significativa, com temas geográficos relevantes.

Palavras-chave: Metodologias ativas. Ensino-aprendizagem. Aula de campo.

LEARNING LINE: MIND MAPPING AS A TOOL IN TEACHING GEOGRAPHY

ABSTRACT

This text explored the role of mind mapping as a methodological tool in teaching Geography within the context of basic education. The use of mind maps in Geography learning was addressed through a comprehensive review of the literature, focusing particularly on active methodologies. The authors highlight the crucial importance of field classes, which provide an immersive and direct experience for students while reinforcing concepts learned in the classroom. To illustrate the practical application of mind mapping in Geography, the text provides a detailed case study of the cities of Oiapoque, in the state of Amapá, Brazil, and São Jorge de Oiapoque, in French Guiana. The article further expands on the use of mind maps, addressing the incorporation of more creative elements such as photography, music, and poetry. These additional pedagogical resources can significantly enrich the teaching-learning process, helping to engage students and spark their interest. The use of mind maps, together with these other pedagogical tools, provides a participatory approach in the learning environment, allowing the student to engage, in a more complete and meaningful way, with relevant geographic themes.

Keywords: Active Methodologies. Teaching-learning. Field class.

INTRODUÇÃO

A geografia, fundamental no currículo da educação básica no Brasil, dedica-se a promover debates e reflexões sobre a análise das transformações no mundo contemporâneo. Essa missão é refletida na elaboração e na aplicação de seus programas curriculares, orientados por diretrizes precisas. Essas diretrizes destacam a importância de uma compreensão do espaço geográfico, utilizando uma variedade de ferramentas metodológicas para assegurar uma aprendizagem mais eficaz e completa.

O processo de ensino e aprendizagem neste campo está em constante estado de metamorfose e evolução, com uma busca incessante por métodos inovadores que possam captar o interesse dos alunos, facilitando, assim, a assimilação dos conceitos e dos fenômenos geográficos. Dentro deste contexto, o presente trabalho propõe a implementação de mapas mentais como uma estratégia didática pertinente para o ensino de geografia na educação básica, ilustrando esta metodologia com estudos de caso focados na fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa. Mapas mentais são representações gráficas que facilitam a organização intuitiva de informações, permitindo a visualização e a interpretação de relações complexas entre conceitos e fenômenos geográficos. Eles servem como ferramentas para potencializar as capacidades cognitivas dos alunos, tornando o aprendizado mais acessível e significativo.

Nosso estudo de caso foi selecionado por sua relevância intercultural e geopolítica, oferecendo uma oportunidade de aprendizagem rica e diversificada para os alunos imersos nesse contexto singular. Essa abordagem pedagógica proporciona uma experiência educacional enriquecedora, possibilitando a compreensão profunda das nuances e das complexidades da relação entre diferentes culturas e nações.

A implementação de mapas mentais no ensino de geografia é reflexo da urgente necessidade de desenvolver métodos de ensino mais envolventes e eficazes, que transcendam a memorização superficial de dados e fatos. Este imperativo didático é corroborado por Richter (2011), o qual aponta que os mapas mentais atuam como representações gráficas que refinam a organização intuitiva de informações, desvendando relações complexas e intrincadas. Dessa forma, os mapas mentais tornam-se instrumentos que potencializam as capacidades cognitivas dos alunos, simplificando a visualização e a interpretação de fenômenos geográficos.

Aspiramos a proporcionar um entendimento mais holístico e enriquecido do espaço geográfico ao integrar mapas mentais com elementos artísticos como música, poesia e fotografia. A metodologia empregada se desenvolveu em diversas fases. Inicialmente, realizamos uma investigação para coletar dados abrangentes sobre a fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa, abarcando aspectos de geografia física, demografia, economia, cultura e política. Em seguida, construímos mapas mentais que ilustram as diversas dimensões da região estudada, refletindo as interações e as inter-relações dos distintos elementos daquele espaço geográfico. Adicionalmente, introduzimos uma dimensão importante aos mapas mentais ao integrar as linguagens estéticas de música, poesia e fotografia, escolhendo informações que ressoavam com os temas e as questões exploradas, enriquecendo, assim, a interpretação da região em foco.

A metodologia desta pesquisa foi desenhada por nós, os autores, não apenas para servir como modelo estrutural para os alunos, mas também para encorajá-los a desenvolver seus próprios mapas mentais, proporcionando suporte e orientação para as possíveis iniciativas dos discentes interessados. Dessa forma, incentivamos a autonomia dos alunos, permitindo-lhes explorar e criar seus próprios mecanismos de compreensão da matéria geográfica, cultivando o pensamento crítico e a abordagem analítica.

Além de elucidar a aplicabilidade dos mapas mentais para uma compreensão aprofundada da geografia, essa integração multidisciplinar ilustra como a disciplina pode ser intensificada e revigorada mediante a fusão com outras formas de expressão e compreensão. A diversificação de estratégias didáticas é fundamental, considerando Buzan (2005) e Gardner (1983), que realçam o papel dos mapas mentais na potencialização da aprendizagem e na importância de práticas pedagógicas que reconheçam a pluralidade de inteligências.

A primeira seção deste trabalho enfoca os aspectos teórico-metodológicos concernentes à criação e à aplicação dos mapas mentais, integrando referências a metodologias ativas e destacando o papel fundamental da aula de campo. Aqui, expomos diversos mapas mentais elaborados a partir de nosso estudo de caso, visando exemplificar, de maneira tangível, as argumentações propostas. Para tanto, no ano de 2022, foram realizados dois trabalhos de campo na fronteira do Amapá com a Guiana Francesa. Em razão das restrições ainda presentes pela pandemia do novo coronavírus, realizamos uma 'leitura' própria dos temas abordados neste artigo para entender como os alunos poderiam desenvolver seus mapas mentais de forma independente. Esta adaptação foi crucial, considerando os desafios impostos pelo contexto pandêmico, o que reflete uma tentativa de manter a qualidade e a

profundidade do aprendizado prático, mesmo em circunstâncias menos ideais. Na sequência deste artigo, exploramos como a fotografia, a poesia e a música atuam como ferramentas complementares, enriquecendo o processo de construção do mapa mental, apoiando-nos em exemplos provenientes do estudo de caso em questão.

Cartografias do saber: a intersecção de mapas mentais com a aprendizagem ativa

Mapas mentais têm uma longa história como ferramentas pedagógicas eficazes, conforme evidenciado por Katuta (1997) e Richter (2011), sendo fundamentais na formulação de conceitos geográficos ao permitir a exploração da percepção de elementos simbólicos do espaço geográfico (Silva, 2019; Shobe; Banis, 2010). Tais mapas se materializam a partir das concepções que os indivíduos detêm sobre o lugar, evidenciando o “conhecimento espacial” acumulado ao longo de suas vidas (Lynch, 1980; Castro, Soares, Quaresma, 2015). Desta forma, as imagens produzidas nos mapas mentais retratam, intrinsecamente, o espaço geográfico mental, baseado em percepções, concepções e representações individuais (Castellar, 2017).

Essa ferramenta pedagógica abre portas para inovações didáticas, destacando-se em contextos educativos pelas suas afinidades com metodologias ativas de aprendizagem. Essas metodologias são delineadas por preceitos construtivistas (Bacich; Moran, 2018) e focam em um aprendizado contextual em que o estudante é protagonista de seu processo de aprendizagem, contrapondo-se ao papel de mero espectador (Ölğün, 2014). Este engajamento proativo promove uma aprendizagem imersiva, estimulando o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para uma compreensão profunda do conteúdo em estudo (Camargo; Daros, 2018).

A incorporação de recursos multimodais, tais como fotografia, música e poesia, amplia ainda mais as potencialidades dos mapas mentais, constituindo uma sinergia educativa que promove um entendimento variado e enriquecido. A pesquisa de diversos autores tem sublinhado a importância de abordagens didáticas que reconhecem e incorporam a diversidade de inteligências e modos de aprendizagem (Gardner, 1983) com os quais nosso trabalho se alinha, visando fomentar uma abordagem educativa mais inclusiva, reflexiva e integrada.

O reconhecimento da metodologia ativa como uma abordagem educacional eficaz é incontestável. Ao integrar esta abordagem ao ensino, incorporando mapas mentais no estudo de caso discutido, objetivamos fomentar um engajamento mais profundo e crítico dos alunos com o respectivo material didático. Assim, nossa meta é não somente facilitar uma compreensão robusta dos fenômenos geográficos, mas também instigar o desenvolvimento de habilidades de pensamento geográfico circunstanciado, condições essenciais para o sucesso dos alunos além do ambiente acadêmico.

A potência desta metodologia reside, significativamente, na sua capacidade de aguçar o interesse dos discentes por meio de atividades práticas relacionadas a temas contextualizados, como cidades, bairros e o meio ambiente, promovendo, assim, aprendizagens ativas e significativas (Araújo; Reis Júnior, 2012; Wee *et al.*, 2013). Neste paradigma educacional, o aluno passa a ter papel de protagonista, transitando de uma postura passiva, característica de práticas educativas tradicionais, para se tornar o agente principal de seu próprio processo de aprendizagem. Dessa forma, a aprendizagem ativa demanda a implementação de metodologias, recursos e estratégias diversificados e adaptáveis.

Os mapas mentais, por sua vez, incorporam elementos fundamentais das metodologias ativas (Landim Neto; Dias, 2011; Morán, 2015). Este fenômeno é evidente quando o discente, através de suas representações diversas, como desenhos, fotografias, música e poesia, assume o papel de construtor do conhecimento indispensável para o entendimento das complexas relações espaciais (Kozel, 2013). Na criação de um mapa mental, o estudante seleciona ícones e informações que melhor representam sua realidade, utilizando sua subjetividade para expressar pensamentos que, por vezes, são complexos para se articular verbalmente. Este artefato, cristalizado no mapa mental, transforma-se em um pilar para o estudo da geografia, servindo de instrumento mediador entre o indivíduo e o conhecimento geográfico (Cavalcanti, 2010).

Através da implementação de práticas pedagógicas ativas e inovadoras, além da integração de mapas mentais como ferramentas de aprendizagem, visamos cultivar um ambiente de aprendizagem dinâmico, reflexivo e enriquecedor que valorize e potencialize as experiências, as percepções e os entendimentos individuais dos alunos.

A disciplina de geografia detém papel distinto no cenário educacional, atuando na interseção entre indivíduos, sociedades, lugares e ambiente físico, propiciando a compreensão aprofundada dessas interações multifacetadas. Nesse contexto, as aulas de campo emergem como componentes cruciais do aprendizado geográfico, fornecendo uma plataforma para os alunos explorarem e experienciarem diretamente os conceitos e os processos geográficos.

Visitas de campo são recursos pedagógicos indispensáveis para elucidar fenômenos do nosso ambiente, muitas vezes obscurecidos aos olhares dos residentes locais (Santos; Buriti, 2020). Estas jornadas possibilitam uma apreciação única das paisagens, transcendendo suas representações em livros didáticos e revelando uma dinâmica integrada de relações sociais, como também de elementos naturais e artificiais (Oliveira; Assis, 2009).

O ensino de geografia, por mais crucial que seja dentro da sala de aula, enfrenta limitações inerentes sem a incorporação de experiências tangíveis na experiência de campo. Aulas práticas no ambiente natural propiciam a oportunidade ímpar para os alunos, em que conceitos geográficos ganham corpo e relevância, fomentando simultaneamente habilidades interpretativas, observacionais e de pensamento crítico.

O contato direto proporcionado pelas aulas de campo, entre o aluno e o espaço geográfico concreto, converte informações, frequentemente alinhadas no ambiente escolar, em experiências vivas e memoráveis (Silveira; Crestani; Frick, 2014). Os dados recolhidos durante essas explorações são pilares para a efetividade deste processo cuja aplicação de recursos didáticos, como os mapas mentais, é vital para uma sistematização robusta dessas informações (Bovo; Töws; Rogal, 2018).

Dessa forma, o aprendizado oriundo das aulas de campo, aliado à instrumentalização de mapas mentais, confere concretude e relevância aos conhecimentos adquiridos, permitindo que os temas, inicialmente confinados às páginas dos livros didáticos, sejam vividamente contextualizados na realidade dos alunos. Essas incursões no terreno contribuem para um aprendizado mais envolvente e intuitivo, catalisando uma compreensão mais rica e sensível do espaço real (Oliveira; Assis, 2009; Oliveira; Sobrinho, 2018).

Em outras palavras, as aulas de campo e os mapas mentais, atuando em simbiose, potencializam a capacidade de percepção e interpretação dos alunos, consolidando conhecimentos geográficos de uma maneira mais integrada e significativa, enquanto despertam o interesse e a imaginação dos alunos, enraizando os aprendizados na realidade tangível e vivenciada.

Entre linhas e fronteiras: mapas mentais e o ensino

No cenário educacional contemporâneo, mapas mentais constituem poderosos instrumentos que alimentam um aprendizado sólido e inspiram a expressão criativa dos estudantes (Richter, 2010; 2011; Passini, 2012; Ferreira; Almeida, 2018). Três abordagens fundamentais podem transformar o ambiente de aprendizagem em um espaço vibrante e envolvente através dos mapas mentais: individual, coletiva e mista.

Na abordagem individual, o docente, por intermédio das experiências únicas de cada educando, pode revelar o potencial singular de cada individualidade. As interações ocorrem, sobretudo, entre o professor e o estudante, viabilizando uma atenção singular. Na abordagem coletiva, o docente absorve as experiências de todos os discentes, coletando *insights* vitais para a elaboração do mapa mental. Aqui, a interação prospera entre os alunos em si e destes para com o docente, fomentando a colaboração e a troca de ideias. A abordagem mista, por sua vez, combina as percepções individuais em um fórum coletivo, facilitando um fluxo livre de ideias.

A liberdade docente permite que essas estratégias sirvam de base para explorações adicionais, mesclando mapas mentais com outras práticas pedagógicas inovadoras. Aqui está o Quadro 1 com algumas estratégias propostas.

Quadro 1 - Estratégias Inovadoras para o uso de mapas mentais no ensino de geografia

Estratégia	Descrição
Início com o básico	Proporcionar uma visão geral do tema, servindo como o núcleo do mapa mental para construções detalhadas.
Exploração temática	Incentivar a criação de ramificações temáticas no mapa mental para explorar diferentes aspectos do objeto de estudo.
Perspectivas diversas	Fomentar uma visão holística, permitindo que os alunos explorem o tema a partir de diferentes perspectivas.
Recursos visuais	Motivar o uso de imagens, ícones e cores, tornando o mapa mais atrativo e facilitando a compreensão e a retenção da informação.
Pesquisa e discussão	Promover a pesquisa e o debate, incentivando a leitura, análise de casos e discussões para posterior integração ao mapa mental.
Apresentação e Troca	Permitir apresentações e compartilhamento de mapas mentais para reforço do aprendizado e desenvolvimento de habilidades comunicativas e de colaboração.

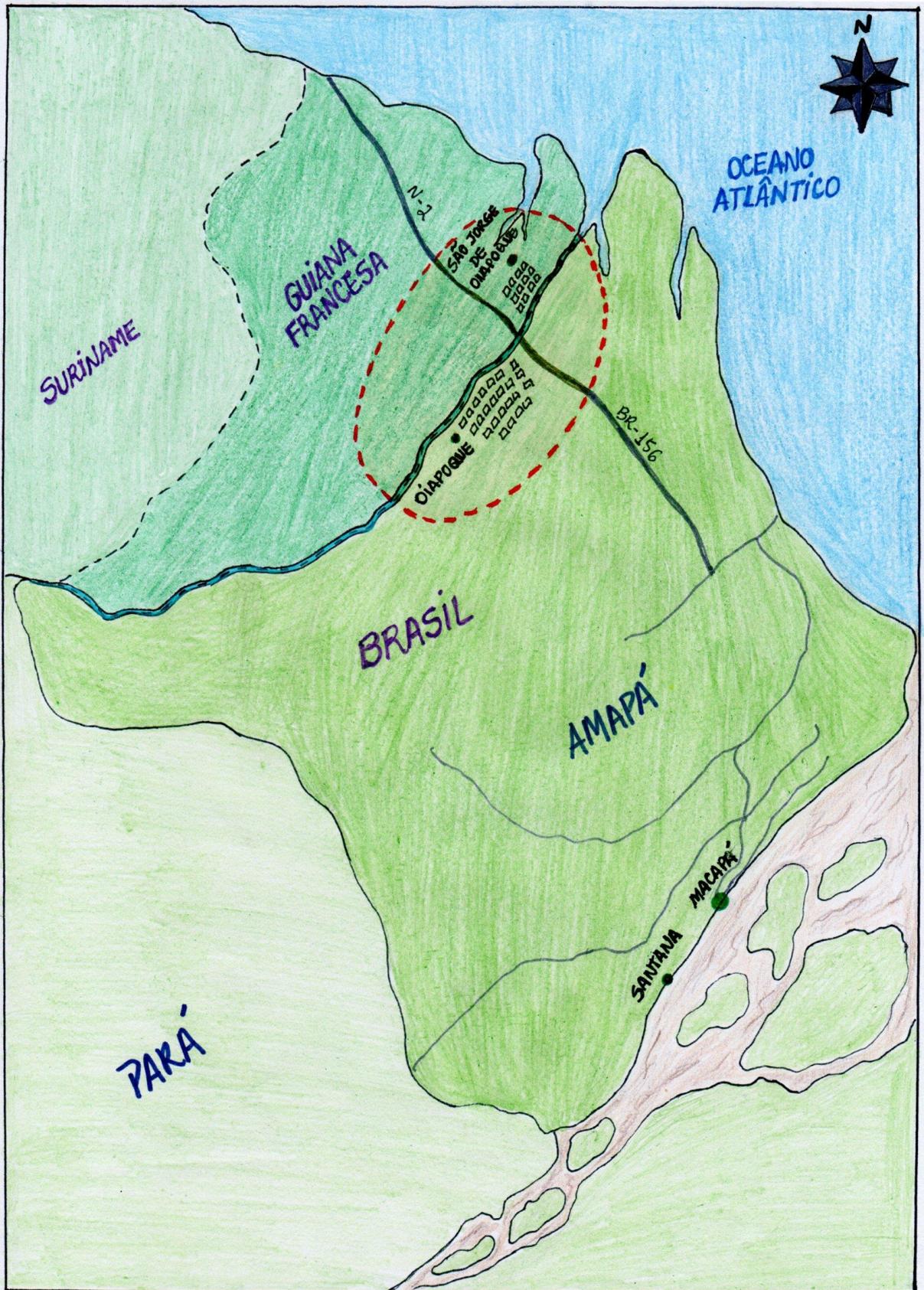
Fonte: Elaboração própria (2023)

Dessa forma, com a aplicação das estratégias mencionadas, o mapa mental pode ser percebido enquanto uma ferramenta pedagógica rica, a fim de contribuir para uma abordagem educacional mais interativa, reflexiva e integrativa em geografia.

Desvendando Oiapoque e Saint-Georges de l'Oyapok através de mapas mentais para o ensino de geografia

Mapas mentais detêm um potencial expressivo para intensificar a percepção dos alunos quanto à complexidade e às mútuas relações inerentes aos desafios encontrados em áreas fronteiriças. Eles atuam como ferramentas instrucionais, facilitando o desenvolvimento de uma visão mais holística e unificada, condição crucial para a assimilação eficiente de conceitos geográficos. Neste contexto específico, a região amazônica serve de cenário para uma extensa fronteira de 730 km compartilhada entre Brasil e França. Dentro deste enclave fronteiriço, as cidades de Oiapoque, situada no lado brasileiro, e Saint-Georges, no lado francês (Figura 1), emergem como áreas de destaque. Os mapas mentais delineados nesta seção concentram-se em temas pertinentes, propícios para exploração tanto em excursões de campo como em contextos de sala de aula.

Figura 1 - Modelo de mapa mental da fronteira entre Brasil e França, 2022



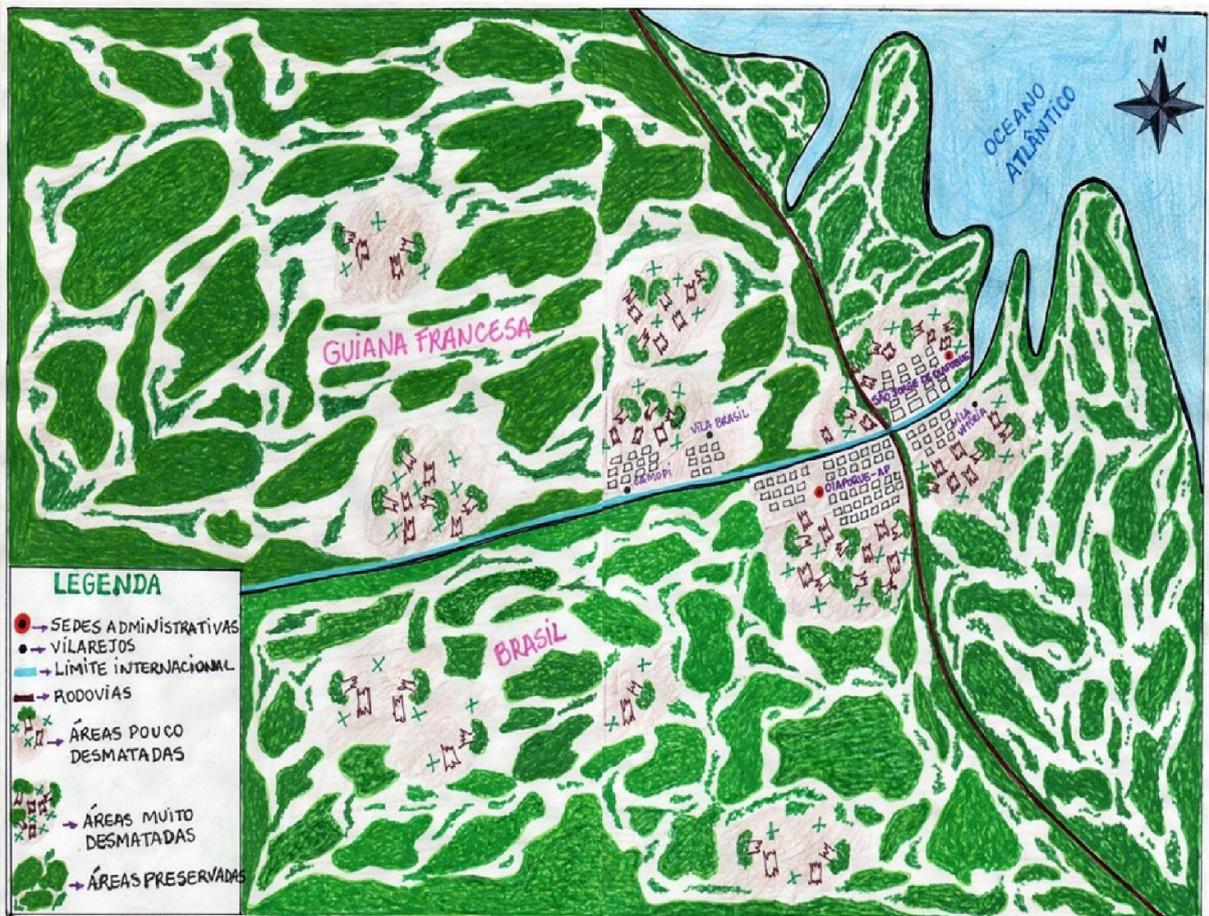
Fonte: Elaborado pelos autores, 2022

Desmatamento

O desmatamento representa uma problemática de magnitude crítica, particularmente na região amazônica. Esta questão, intrincada e complexa, envolve uma série de fatores e impactos, exigindo uma análise aprofundada para a compreensão integral de suas raízes e consequências.

Os mapas mentais surgem como ferramentas instrutivas valiosas, possibilitando a visualização clara e estruturada das áreas mais afetadas pelo desmatamento, assim como das causas subjacentes e dos impactos potencialmente devastadores. A Figura 3 objetiva elucidar aspectos dinâmicos relacionados a este tema crucial, procurando oferecer uma visualização ampla e integrada das dimensões envolvidas.

Figura 3 - Mapa mental de desmatamento da fronteira entre Brasil e França, 2022



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022

É indispensável explorar uma variedade de argumentos e perspectivas seja em aulas de campo ou em sala de aula. Entre os fatores que precisam ser discutidos, destacam-se os retrocessos em políticas ambientais, que frequentemente abrem caminho para práticas degradantes. A atividade pecuarista, caracterizada pela expansão de áreas de pastagem, muitas vezes em detrimento de áreas florestais primárias, é outro vetor importante do desmatamento.

Adicionalmente, é imperativo abordar os projetos de extração de madeira e mineração. Estes, conduzidos tanto de forma legal quanto ilegal, são responsáveis por vastos traços de degradação ambiental, fragmentando *habitats*, afetando a biodiversidade e impactando comunidades locais e indígenas.

Além disso, é relevante expandir o debate para incluir as implicações socioeconômicas e ambientais do desmatamento, explorando como este fenômeno afeta não só a fauna e a flora locais, mas também os modos de vida e as tradições das comunidades residentes na região. É vital discutir as

consequências, a longo prazo, do desmatamento na mudança climática global, nos padrões de precipitação local e regional e nos ecossistemas aquáticos.

Ao explorar esses tópicos, é essencial fomentar uma discussão crítica e reflexiva entre os alunos, incentivando-os a ponderar sobre soluções sustentáveis e estratégias de mitigação, assim como sobre a importância da conservação e da gestão responsável dos recursos naturais da Amazônia.

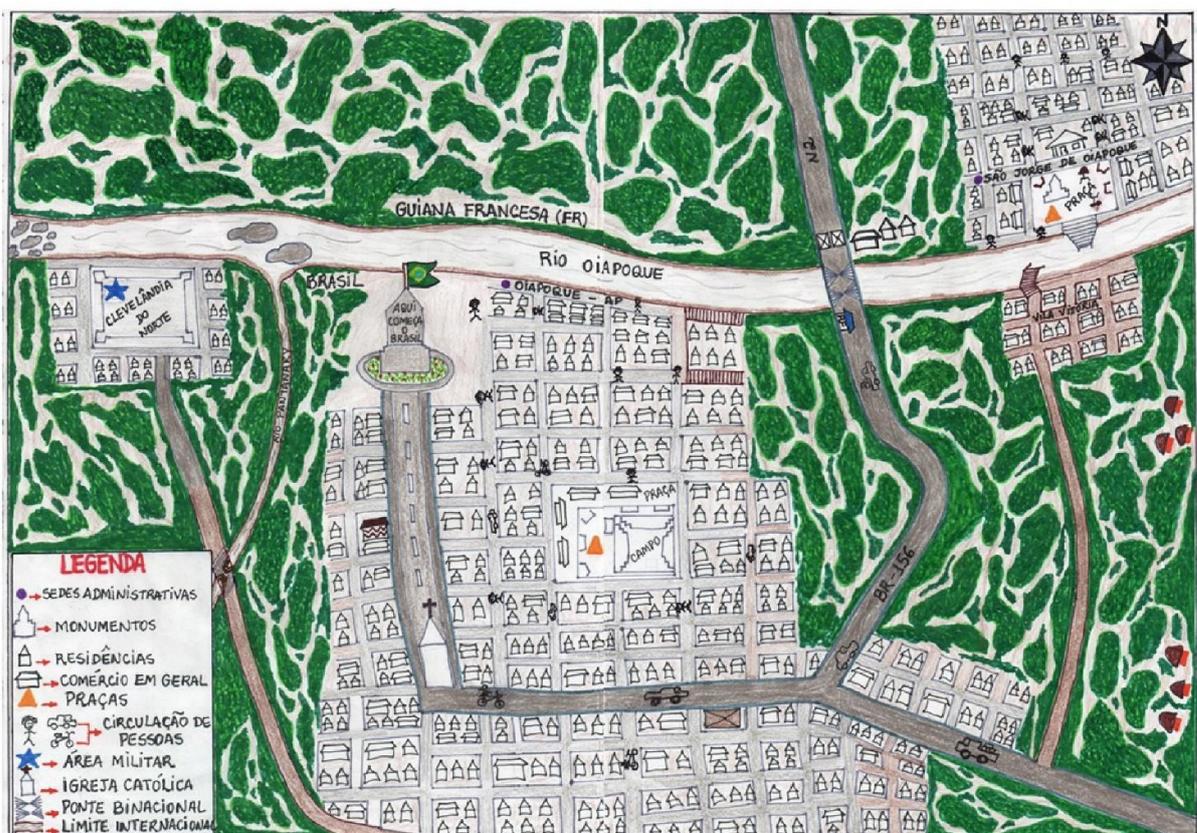
Dessa forma, o diálogo acerca do desmatamento na Amazônia, amparado pela utilização de mapas mentais, pode promover uma aprendizagem significativa, conscientizando os alunos sobre a urgência de ações voltadas à preservação e à sustentabilidade, e instigando uma reflexão profunda sobre o papel de cada indivíduo na proteção do meio ambiente.

Espaço urbano

O ambiente urbano na fronteira entre Brasil e França é marcado por sua complexidade intrínseca, abarcando uma variedade de nuances políticas, legais e administrativas que diferenciam ambos os lados da fronteira. Utilizar um mapa mental pode se revelar uma estratégia didática eficaz para evidenciar essas diferenças e propiciar uma análise profunda sobre as multifacetadas dimensões urbanas presentes nessa região.

No que tange ao contexto urbano, torna-se imperativo analisar a dinâmica e a expansão das cidades, as deficiências em infraestrutura e as discrepâncias socioeconômicas que marcam as sociedades de cada lado da fronteira. Nesse sentido, durante as aulas de geografia, a análise de elementos do espaço urbano ganha papel central, conforme ilustrado na Figura 4.

Figura 4 - Mapa mental de espaço urbano da fronteira entre Brasil e França, 2022



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022

Essa análise deve englobar uma variedade de componentes, tais como edificações, calçadas, rede de iluminação e serviços públicos, oferecendo um panorama abrangente da composição e estrutura urbanas. A geografia urbana, por meio da observação desses elementos, permite um estudo detalhado

acerca do comportamento demográfico, da reprodução social e da configuração espacial predominante nas cidades fronteiriças.

A investigação acerca do crescimento das cidades situadas na fronteira é crucial. Essa investigação implica um exame rigoroso do desenvolvimento urbano, das metamorfoses que caracterizam as paisagens urbanas e das estratégias empregadas para o planejamento e a administração das cidades. É fundamental um olhar atento às práticas e às políticas urbanísticas adotadas, visando compreender como estas influenciam e moldam o espaço urbano ao longo do tempo.

Paralelamente, uma análise pormenorizada dos problemas infraestruturais que afligem essas cidades é de suma importância. Deve-se explorar a eventual escassez de investimentos em transporte público, as lacunas em saneamento básico e as limitações das vias de circulação. Além disso, é importante refletir sobre como essas questões impactam a qualidade de vida da população e acentuam as disparidades socioeconômicas existentes.

Adicionalmente, é vital considerar de que maneira tais desafios infraestruturais podem acirrar as disparidades socioeconômicas, refletindo em diferenças acentuadas em termos de qualidade de vida, acesso a serviços e oportunidades econômicas entre os habitantes da região fronteira.

Ao promover uma análise integrada e multidimensional do espaço urbano na fronteira entre Brasil e França, as aulas de geografia têm o potencial de propiciar aos alunos pensamentos valiosos sobre a inter-relação entre espaço, sociedade, economia e política, fomentando compreensão mais holística e contextualizada dos fenômenos urbanos.

Questão indígena

As comunidades indígenas marcam presença vital e diversificada na região amazônica, servindo como guardiãs de uma rica variedade de culturas, tradições e conhecimentos. Nesse contexto, a utilização de mapas mentais se revela uma ferramenta instrutiva para a identificação e a compreensão mais aprofundada dos variados grupos indígenas que coexistem nessa região.

Conforme ilustrado no mapa mental da Figura 5, temos especial enfoque na organização de determinados grupos indígenas que servem como objeto de nosso estudo de caso. A partir de um eixo central neste mapa, possibilita-se a divisão em categorias predominantes, abrangendo "Cultura e Tradição", "História", "Direitos Indígenas", "Questões Contemporâneas" e "Movimentos Indígenas".

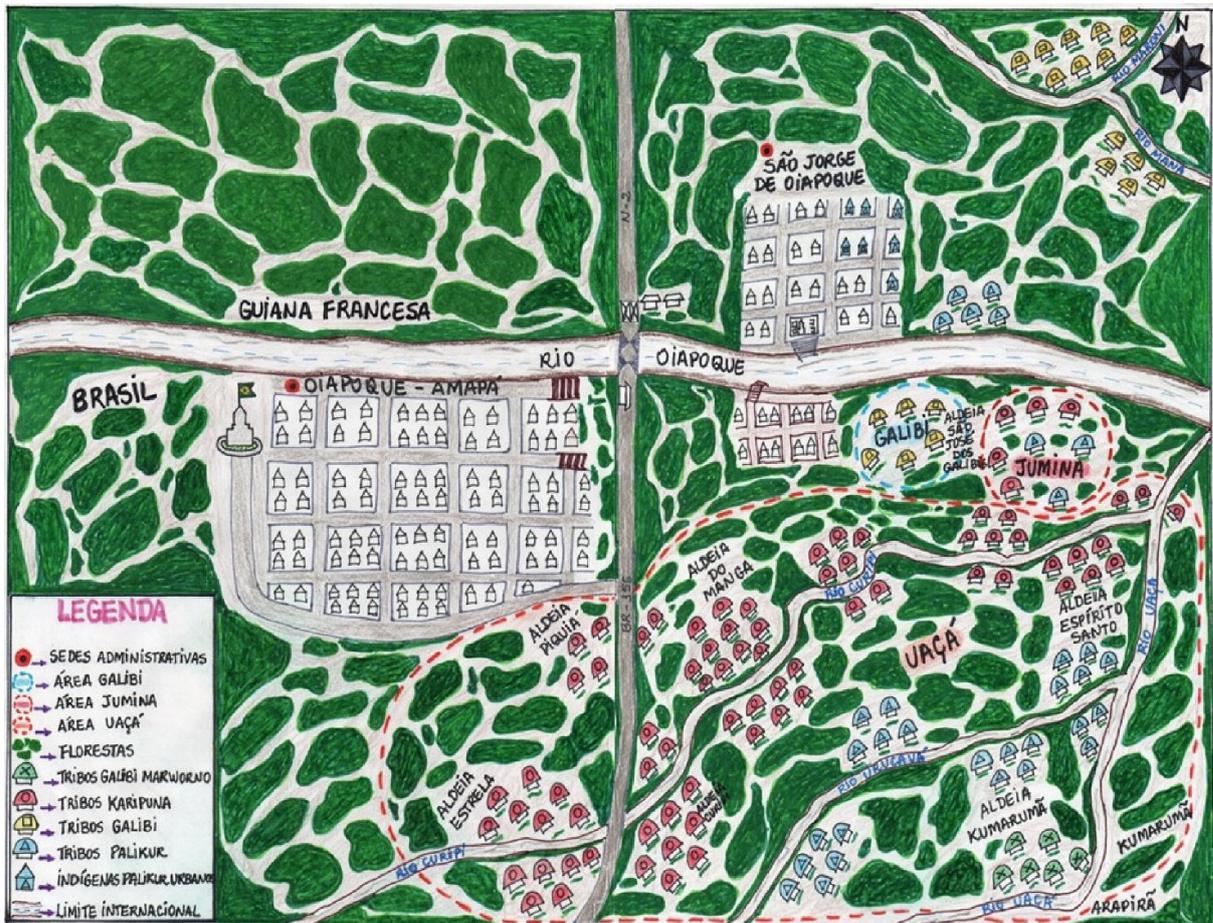
A categoria "Cultura e Tradição" se desdobra em aspectos como "Línguas Indígenas", "Rituais e Cerimônias", "Artesanato", e "Conhecimento Tradicional", permitindo, assim, uma imersão profunda e abrangente na variada diversidade cultural inerente a essas comunidades.

História. A seção de "História" se fragmenta em "Pré-colonização", "Colonização", "Resistência Indígena" e "Período Pós-colonial", proporcionando um espaço para discussões robustas e detalhadas a respeito das interações, dos impactos e das resistências indígenas através dos períodos históricos, lançando luz sobre a trajetória evolutiva dessas populações.

"Direitos Indígenas" se subdividem em "Direitos à Terra", "Direitos Culturais", "Direitos Políticos" e "Direitos Socioeconômicos", concedendo uma visão compreensiva e reflexiva sobre os direitos assegurados a essas comunidades e os desafios persistentes para a sua plena realização e respeito.

Aprofundar-se em cada uma dessas categorias e subcategorias possibilita não apenas uma compreensão refinada e holística sobre as comunidades indígenas na Amazônia, mas também contribui para a ampliação da consciência sobre suas contribuições inestimáveis, as lutas contemporâneas e a indispensabilidade de seu papel na preservação ambiental e cultural da região. Desse modo, promove-se um entendimento mais empático, respeitoso e integrado sobre a diversidade e a riqueza inerentes aos povos originários da Amazônia.

Figura 5 - Mapa mental da localização de comunidades indígenas na fronteira entre Brasil e França, 2022



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022

Geografia econômica

A zona fronteira detém uma economia diversificada, integrando setores como agricultura, mineração, pesca, turismo e extração de madeira, os quais coexistem e formam a espinha dorsal econômica da área. Nesse espaço de confluências econômicas e culturais, o uso de mapas mentais se torna fundamental para desvendar e compreender com mais clareza as diversas atividades econômicas, seus respectivos impactos regionais e as interações consequentes com o meio ambiente. Conforme ilustrado na Figura 6, é possível observar os elementos centrais da geografia econômica deste cenário de estudo, destacando a importância da pesca, do garimpo, do setor comercial, da indústria moveleira e da agricultura para o espaço fronteiro.

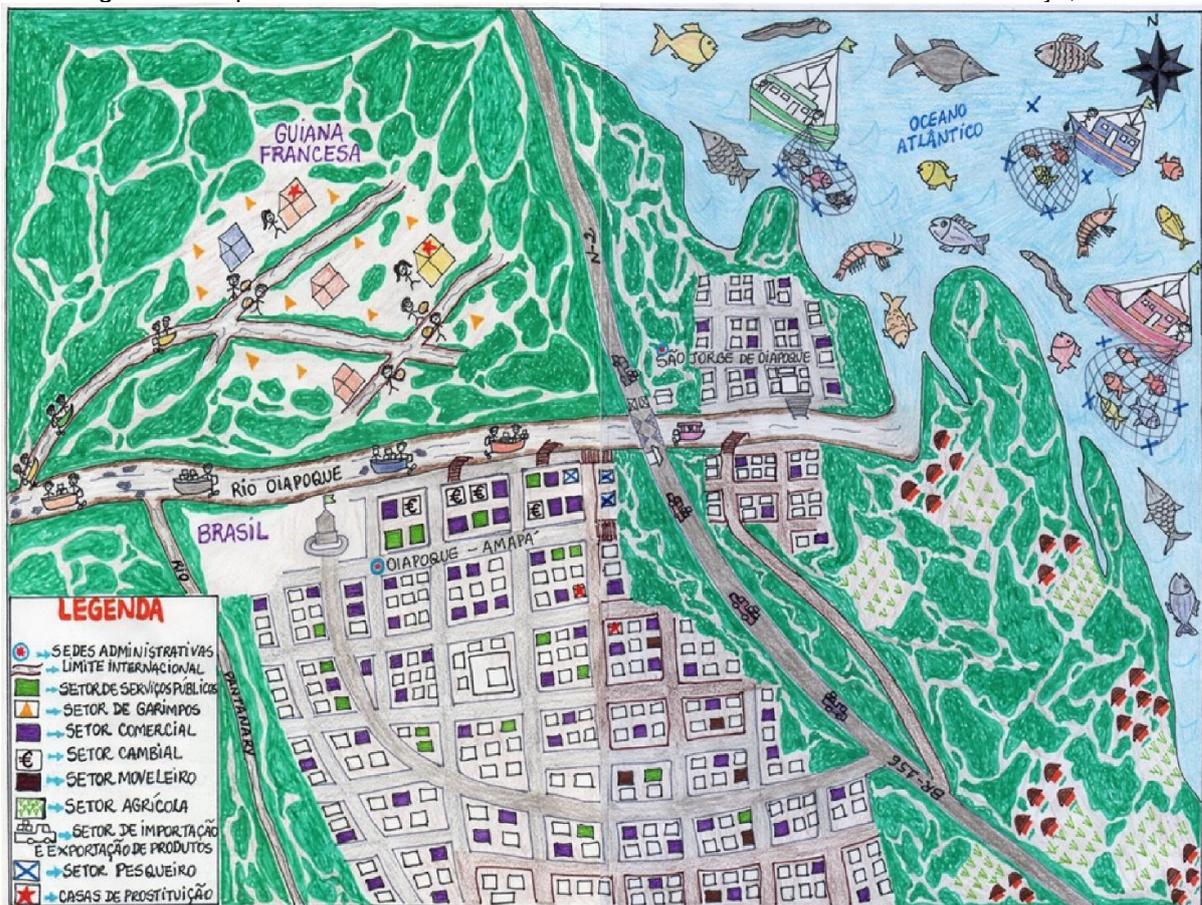
Nesse contexto, a agricultura se revela como um pilar econômico vital, sustentando e promovendo o desenvolvimento local e sendo essencial para entender as variedades de cultivos, práticas e sustentabilidade agrícola na região. Por sua vez, as atividades de mineração e garimpo se manifestam com igual importância, impulsionando o desenvolvimento e trazendo consigo desafios significativos relacionados ao impacto ambiental, às questões sociais e aos aspectos legais e regulatórios das operações.

A pesca também se configura como uma atividade de centralidade, dada sua contribuição para a alimentação e a economia locais, demandando uma análise criteriosa de suas práticas em relação à sustentabilidade dos ecossistemas aquáticos locais. Paralelamente, o turismo emerge com seu potencial inerente de alavancar receitas e valorizar o patrimônio cultural, apresentando uma série de oportunidades e desafios únicos, especialmente no que tange à gestão sustentável dos recursos.

Além disso, a extração de madeira e o segmento moveleiro se entrelaçam na dinâmica econômica local, tornando imperativo o exame do equilíbrio entre exploração e conservação ambiental, e a reflexão sobre práticas sustentáveis e gestão responsável dos recursos florestais. Simultaneamente, o setor comercial atua como um indicador do desenvolvimento econômico e do bem-estar na região, influenciando diretamente a distribuição de renda, a oferta de emprego e a acessibilidade a serviços e bens.

Ao perscrutar as relações entre esses variados setores e suas interdependências, percebe-se que cada um desempenha um papel crucial na modelagem da geografia econômica do território. O mapa mental, nesse aspecto, se posiciona como uma ferramenta elucidativa e integrativa, propiciando uma visão ampla das interconexões e de suas repercussões multifacetadas na sociedade, no meio ambiente e na economia da região fronteira.

Figura 6 - Mapa mental de atividades econômicas da fronteira entre Brasil e França, 2022

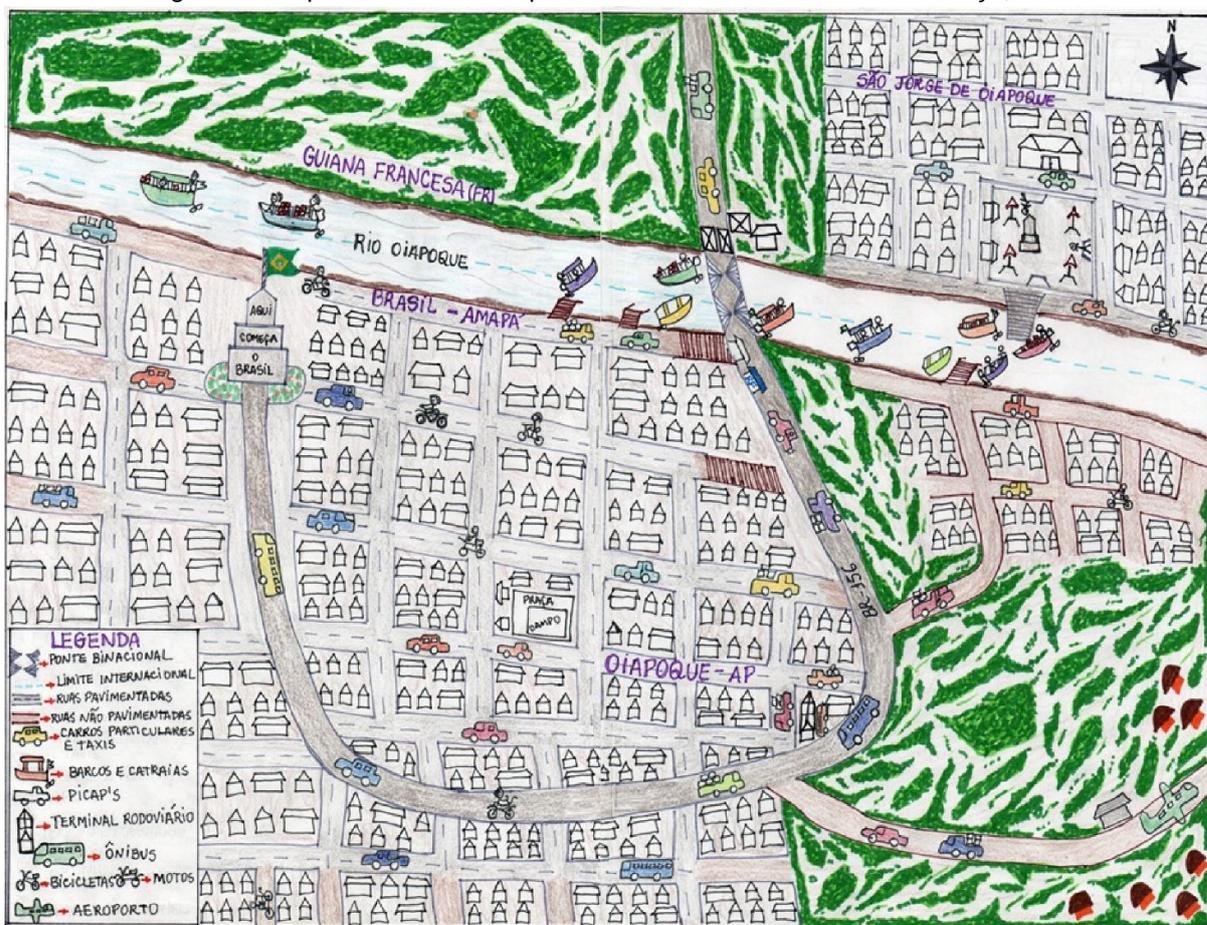


Fonte: Elaborado pelos autores, 2022

Geografia dos transportes

Os meios de transporte são, de fato, pilares essenciais na infraestrutura de qualquer região, especialmente em áreas de fronteira, onde a mobilidade e a conectividade são vitais para o fluxo contínuo de pessoas, bens e serviços. Na Figura 7, são retratados diferentes modais de transporte – carros, ônibus, motocicletas, caminhões e barcos – que são amplamente utilizados pela população local. Esses meios possibilitam o acesso ao município de Oiapoque e, simultaneamente, conectam-se a outros municípios do Amapá, bem como a Saint-Georges de l'Oyapock, situado do outro lado da fronteira.

Figura 7 - Mapa mental de transportes da fronteira entre Brasil e França, 2022



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022

Esta diversidade de modais de transporte reflete as necessidades diversas e as características singulares da região. Os barcos, por exemplo, são essenciais para a navegação pelos rios que permeiam a região amazônica, constituindo uma das principais formas de locomoção e transporte de mercadorias em áreas onde estradas são inexistentes ou intransitáveis. Esse meio de transporte se destaca pela sua praticidade e sua adaptabilidade ao terreno fluvial característico da região.

Por outro lado, veículos como carros, motocicletas e caminhões são primordiais para o transporte terrestre, contribuindo significativamente para a circulação intra e intermunicipal. Os ônibus, em especial, são indispensáveis para o transporte coletivo, proporcionando uma alternativa de mobilidade acessível para a população local e conectando diferentes áreas urbanas e rurais da região.

Cada modal de transporte, ao facilitar a movimentação de pessoas e o comércio de bens entre os municípios do Amapá e Saint-Georges de l'Oyapock, contribui para a integração e o desenvolvimento socioeconômico da região fronteira. Além disso, é importante observar que a escolha do meio de transporte pode ser influenciada por diversos fatores, como a disponibilidade, a eficiência, as condições geográficas e climáticas, além das necessidades específicas da população, cuja análise desses elementos torna-se fundamental para compreender as dinâmicas de transporte na região e seus impactos na vida diária dos habitantes locais.

Fotografias, música e poesia: unindo artes e mapas mentais na pedagogia contemporânea

O uso de mapas mentais constitui uma estratégia pedagógica significativa, capaz de transformar a assimilação e a percepção de informações pelos alunos, especialmente quando integrada de forma estratégica com outros instrumentos didáticos, como fotografias, músicas e poesias.

A fotografia age como um espelho visual da realidade, proporcionando aos alunos uma exploração mais concreta dos diversos aspectos do mundo. Esta modalidade visual pode capturar desde facetas do dia a dia até as complexidades mais intrincadas da vida, fomentando a observação crítica e a atenção a nuances que, por vezes, são ofuscadas em narrativas primordialmente textuais.

Em contrapartida, a música, enquanto linguagem universal, consegue ultrapassar fronteiras tanto culturais quanto linguísticas, despertando emoções e incentivando a criatividade humana. Ela serve como veículo versátil no processo educacional, seja para reforçar conceitos, tornar o aprendizado mais palatável, ou introduzir novos tópicos de um modo mais lúdico e cativante.

A poesia, com suas características similares à música, consegue traduzir ideias abstratas de forma mais acessível e emotiva. Além disso, ela contribui para o aprimoramento das competências linguísticas e literárias dos estudantes, intensificando o entendimento e o apreço pela pluralidade e pela riqueza da língua.

Ao mesclar mapas mentais com esses recursos, é possível estabelecer um cenário de aprendizagem variado e interdisciplinar, promovendo uma visão mais ampla do conhecimento. Por exemplo, ao adotar esta metodologia integrada, os alunos podem desenvolver uma compreensão mais completa do espaço geográfico, investigando não apenas aspectos físicos, mas também elementos culturais, históricos e ambientais de um determinado local. Dessa forma, as percepções cotidianas dos alunos são enriquecidas, viabilizando um entendimento mais aprofundado e coeso da realidade que os cerca.

Imagens que ensinam: a papel da fotografia

Fotografias são ativos pedagógicos preciosos, principalmente na educação básica. Como Jacob, Braga e Dutra (2020) ressaltam, as fotografias proporcionam uma representação visual do ambiente experienciado pelos estudantes, estabelecendo uma ligação mais significativa e pessoal com o material didático.

Nesse nível educacional, fotografias podem atuar como um estímulo inicial para a exploração do cenário geográfico. Elas delineiam com precisão as multifacetadas complexidades do mundo, ofertando aos discentes um método visualmente instigante e inteligível para assimilar conceitos mais abstratos. Ao coexistirem com textos, as imagens fotográficas adicionam uma dimensão visual contextualizadora que aprofunda a compreensão e aguça a curiosidade dos alunos.

As fotografias também podem instigar diálogos e reflexões em sala de aula. Docentes podem empregar esses elementos visuais para incitar questionamentos e discussões, refinando a percepção e incentivando a análise crítica dos alunos, ampliando suas competências imperativas na estrutura curricular da educação básica.

Ademais, o conceito de paisagem, fundamental para a geografia, converge para o instrumental oferecido pelo uso de mapas mentais. Essas interpretações gráficas de dados têm o potencial de integrar e veicular ideias elaboradas de forma amigável e elucidativa, sendo esta característica especialmente valiosa na educação básica, na qual a assimilação de conceitos inéditos pode ser um desafio.

Assim, o emprego consciente de fotografias, aliado a outras técnicas didáticas, pode se mostrar uma estratégia pedagógica robusta, enriquecendo a experiência educacional e facilitando a construção de um aprendizado mais sólido e reflexivo.

A análise de uma fotografia, como exemplificado pela Figura 8, propicia reflexões acerca da realidade. Conforme exposto por Mussoi (2008), o educador tem a tarefa de motivar os discentes a interpretar os componentes da imagem, fomentando a capacidade de leitura visual para discernir as nuances da interpretação espacial. Tais materiais visuais representam ferramentas inestimáveis para decodificar as abstrações da realidade, introduzindo fragmentos do cotidiano que desvendam as peculiaridades do nosso globo terrestre.

Figura 8 - Paisagem da fronteira franco-brasileira, 2022



Legenda: A imagem mostra ao menos três aspectos essenciais da fronteira: os barcos, o rio e a ponte binacional.
Fonte: Clique dos autores, 2022

Cada educando observa o mundo sob uma lente única, cuja perspectiva é influenciada por suas vivências pessoais e pelo seu entorno socioeconômico e cultural. Como apontam Wee *et al.* (2013), as interpretações são edificadas a partir dessas perspectivas singulares. Nesse contexto, fotografias e mapas mentais atuam como catalisadores para a expressão criativa, sublinhando a singularidade de cada aluno na sua inserção no ciclo de ensino-aprendizagem.

A confluência de fotografias e mapas mentais na pedagogia da educação básica configura-se como uma tática instrucional enriquecedora. Este método possibilita aos alunos um aprendizado mais denso e substancial da topografia geográfica, desmistificando conceitos intrincados e conferindo uma perspectiva mais integral e abrangente do universo que os circunda. Dessa forma, através da imersão visual e da reflexão crítica, os alunos conseguem navegar pelos múltiplos estratos da aprendizagem, construindo um entendimento mais amplo e rico da realidade que os cerca.

Afinando a aprendizagem: a convergência de música e mapas mentais na educação básica

A música exerce uma função vital na conformação da memória e na elaboração de experiências vinculadas a locais particulares. Ela transcende a simples ativação de recordações, atuando como um instrumento que habilita o aluno a reconhecer e discernir distintos lugares e as divisórias que os delimitam. A música, ademais, provê um portal para a identificação de agrupamentos étnicos e as identidades peculiares que emergem nesses territórios, potencializando o poder de evocar representações claras de lugares específicos, facilitando, assim, a elaboração de mapas mentais, conforme debatido por Shobe e Banis (2010).

Outrossim, a música emerge como ferramenta pedagógica de inestimável valor, capaz de fomentar discussões profundas e reflexões acerca de tópicos essenciais em geografia. Como evidenciado por Fuini *et al.* (2012), ela pode incitar a investigação de temas relevantes que espelham a vivência diária do educando. Este enfoque pedagógico promove interação frutífera entre educador e educando, cultivando um cenário educacional mais imersivo e interativo.

Implementar a música como meio de identificar e examinar processos socioespaciais representa uma metodologia efetiva para engajar os educandos em seu processo de aprendizagem autônoma. Como articulado por Cavalcanti (1998), tal estratégia viabiliza a aplicação de saberes prévios pelos discentes e a formulação de correlações pertinentes com o universo que os cerca, possibilitando a interligação dos conceitos abstratos abordados em sala com suas vivências pessoais, solidificando um aprendizado mais aplicável e consistente.

Neste vetor, a integração entre música e mapas mentais na esfera educacional propicia uma metodologia instrucional holística, potencializando o processo educativo ao permitir uma percepção mais aprofundada e relevante da geografia e da globalidade circundante. A composição musical proposta ilustra significativos parâmetros para associar música e mapas mentais, especialmente ao considerar o contexto fronteiro entre o estado do Amapá e a Guiana Francesa.

A PONTE

Zé Miguel e Roseline Jersier

*De concreto a ponte trás esperança
Tão concretamente jaz na lembrança
Onde um rio junta o Amapá e a Guiana
Brasil e França
Contemplando um tempo novo que avança
Ao encontro dessa mágica dança
De se sonhar junto
De caminhar junto
Lado a lado até onde a vista alcança*

*É preciso construir liberdade
Pela estrada rumo ao sol do futuro
Onde agente viva em paz a igualdade
Que fará da ponte um porto seguro*

*Mais c'est bien plus qu'un pont une autre vision
Um projet sur le papier devenu réalité
Ce pont était un rêve or pá tous imane
On pourra bien sâimer sans difference
On pourra traverser les consciences
Essemble nous partagerons
Traditions religions
Et que jaillisse une force de cette belle union*

*Oui j'ai besoin de cosntruer ma liberte
Cheminant vers le soleil du future
Ou no pourrons vivre em paix em tute égalité
Ou nous fairrons de ce pont de segurité
Um point d'amour*

*Mas a ponte não é mais que concreto
Um projeto no papel um decreto
O que faz da ponte um sonho de certo
É a possível ideia de comunhão
Gente dividindo à mesa o pão
Gente se encontrando de braços abertos
E que seja farta a mesa então*

Fonte: [LyricFind](#); Compositores: Roseline Jersier / Zé Miguel. Letra de A Ponte © Tratore

Para empregar esta canção na educação básica, uma abordagem pedagógica proposta envolve inicialmente introduzir os alunos à música, incentivando-os a debater sobre o significado da letra da canção e sua representação de união cultural, esperança e liberdade na região fronteira. Após isso, os alunos devem ser guiados para desenvolver um mapa mental que ilustre imagens, ideias e emoções

provocadas pela canção, incorporando aspectos geográficos e culturais da fronteira entre Amapá e Guiana Francesa, bem como os temas de união e esperança retratados na música.

Este método de ensino tem como meta ampliar a compreensão dos educandos acerca da geografia e da cultura da região fronteira entre Amapá e Guiana Francesa, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento de habilidades de escuta ativa, interpretação e expressão criativa. Após a conclusão dos mapas mentais, os alunos serão motivados a apresentá-los à classe, abrindo espaço para debates grupais acerca das distintas interpretações da música e das variadas representações da fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa, permitindo a exploração e valorização das diversas perspectivas e experiências dos colegas.

Versos mapeados: uma odisseia pela poesia com mapas mentais

A poesia, sendo uma ferramenta expressiva potente, possui a capacidade de auxiliar os alunos na interpretação e na compreensão do mundo que os cerca. Conforme apontado por Souza *et al.* (2017), este recurso literário tem o poder de aguçar o pensamento crítico ao estabelecer um diálogo com a realidade dos educandos, fomentando o desenvolvimento do raciocínio e da criatividade. Quando aliada a mapas mentais enquanto recurso didático, a poesia alcança ainda mais relevância. Neste cenário, sugere-se que o educador valorize obras de poetas locais, uma vez que seus trabalhos frequentemente ecoam o cotidiano e as experiências vivenciadas pelos alunos.

Estratégias pedagógicas que conectam poesia e mapas mentais incentivam os educandos a contemplarem o espaço geográfico sob suas óticas individuais, mobilizando saberes construídos em suas vivências cotidianas. Uma obra poética exemplar para tal análise é "(Trans)fronteirizações", de Jadson Porto, que revela múltiplos elementos cruciais para a exploração geográfica do território limítrofe entre Amapá e Guiana Francesa.

(TRANS)FRONTEIRIZAÇÕES

Jadson Porto

Na fronteira, há um rio

Países se separam

Mas seus povos, não!

Circulam, convivem, perpassam

Por vezes, conflitam.

Na fronteira, há uma ponte

Países se conectam

Pessoas e produtos atravessam

Aduaneiras atuam.

Enquanto limites,

Fronteirizações

Com barreiras,

Diferenciações

Uma vez rompidas,

Cooperações.

Rios e pontes

Pelos espaços, interações

Entre as margens, conexões

Transfronteirizações

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do escopo deste artigo, evidencia-se que o mapa mental transgride a mera representação de conceitos, revelando-se uma ferramenta essencial para revisão, engajamento e proatividade do educando do ensino básico. Esta eficácia se intensifica quando os alunos são impulsionados a integrar suas ideias únicas ou a elaborar seus próprios mapas, maximizando o entendimento e o envolvimento com o conteúdo.

No cenário atual, em que a educação enfrenta barreiras estruturais, cabe ao educador vincular o aprendizado em sala de aula às vivências cotidianas, culturais e sociais dos discentes. Busca-se, portanto, dilatar os limites escolares, instrumentalizando o aluno a explorar o contexto sociocultural de sua comunidade e, mediante essas experiências, construir seu conhecimento de forma autônoma.

No contexto da dinâmica educacional, a inovação pedagógica sobressai como trajetória plausível na qual o mapa mental consolida-se como um recurso poderoso para robustecer a metodologia de ensino de geografia em distintas etapas educacionais, condicionado a uma adequação pertinente. As excursões pedagógicas são vitais, oferecendo vivências práticas que enriquecem a aprendizagem, possibilitando a exploração de conceitos em contexto real, alavancando a compreensão geográfica.

A simbiose entre o mapa mental e distintas expressões artísticas, tais como fotografia, música e poesia, se destaca como elemento primordial neste procedimento educativo. As imagens funcionam como detonadores visuais impactantes, nas quais a música envolve o cérebro de maneira lúdica e sentimental, e a poesia tem o potencial de consolidar informações e estabelecer um vínculo emocional com o tema.

Sendo assim, as estratégias de ensino ativas ganham relevância, motivando o aluno a se tornar agente ativo no seu aprendizado, superando a postura de receptor passivo de dados. A implantação do mapa mental integra-se, de maneira coesa, a esse cenário, elevando a significância do aprendizado, propondo uma modalidade comunicativa inovadora e valorizando as experiências discentes no contato com o espaço geográfico.

Portanto, inferimos que o mapa mental, quando sincronizado às práticas de campo e às metodologias de ensino ativas, concede ao educador a oportunidade de amalgamar os saberes prévios do aluno com os conteúdos programáticos, intensificando o dinamismo no ensino de geografia. Os modelos e as táticas de mapas mentais discutidos neste artigo têm o potencial de revitalizar a prática pedagógica, intensificando o entendimento sobre as múltiplas dimensões da geografia, especialmente quando enriquecido com elementos culturais, tais como a música e a poesia, refletindo, assim, a pluralidade de percepções e de experiências humanas em seu relacionamento com o espaço.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. C. C.; REIS JÚNIOR, D. F. da C. As representações sociais no espaço geográfico. **Geotemas**. Pau dos Ferros -RN, v. 2, n. 1, p. 87-98, 2012.

BACICH, L.; MORAN, J. (orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BOVO, M. C.; TÖWS, R. L.; ROGAL, C. J. Da teoria à prática: vivências e experiências em aulas de campo de Geografia. **Revista GEO UERJ**, n. 33, p. e28828, 2018.

BUZAN, T. **Mapas Mentais e sua elaboração**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

CAMARGO, F.; DAROS, T. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

- CASTELLAR, S. M. V. Cartografia escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, v. 7, n. 13, p. 207-232, 2017. <https://doi.org/10.46789/edugeo.v7i13.494>
- CASTRO, C. J. N.; SOARES, D. A.; QUARESMA, M. J. N. Cartografia e ensino de Geografia: o uso de mapas temáticos e o processo de ensino-aprendizagem na educação básica. **Boletim Amazônico de Geografia**, v. 2, n. 3, p. 41–57, 2015. <https://doi.org/10.17552/2358-7040/bag.v2n3p41-57>
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas - SP: Papirus, 1998.
- CAVALCANTI, L. S. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010. **Anais...** Belo Horizonte-MG, 2010.
- FERREIRA, J. A. S.; ALMEIDA, D. L. R. Mapas mentais e formação inicial de professores de geografia: possibilidades do raciocínio pedagógico geográfico. **Revista Anekumene**, v. 15, p. 69-76, 2018.
- FUINI, L. L. *et al.* A música como instrumento para o ensino de geografia e seus conceitos fundamentais: pensando em propostas para o trabalho em sala de aula. Instituto de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. **Revista Para Onde?**, v. 6, p. 206-216. Porto Alegre – RS, 2012. <https://doi.org/10.22456/1982-0003.36498>
- GARDNER, H. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- JACOB, M. A.; BRAGA, R. O. B.; DUTRA, D. A. O uso de fotografias no ensino de Geografia: um estudo de caso sobre a paisagem do Parque Passaúna em Curitiba, Paraná. In: SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 7., 2020. **Anais...**, Pelotas-RS, p. 99-102, 2020.
- KATUTA, A. M. Uso de mapas: alfabetização cartográfica e/ou leiturização cartográfica? **Revista Nuances**, vol. III, p. 41–46, 1997.
- KOZEL, S. Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais. **Revista Geograficidade**, v. 3, p. 58-70. 2013. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2013.30.a12874>
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1980.
- MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (Orgs). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Coleção Mídias Contemporâneas, v. II, PROEX/UEPG, 2015.
- MUSSOI, A. B. **A fotografia como recurso didático no ensino de Geografia**. Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná em convênio entre Secretaria de Estado da Educação do Paraná e UNICENTRO. Guarapuava-Paraná, 2008.
- LANDIM NETO, F. O.; DIAS, R. H. L. Mapas mentais e a construção de um ensino de Geografia significativa: algumas reflexões. **Revista Eletrônica Geoaraguaia**, v. 1, n. 1, p.1-12, 2011.
- ÖLGÜN, A. O Papel do Estudante no Aprendizado Ativo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, p. 101-117, 2014.
- OLIVEIRA, C. D. M. de; ASSIS, R. J. S. de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 195-209, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022009000100013>
- OLIVEIRA, S. B.; SOBRINHO, W. F. R. C. **Ensino de Geografia teorias e práticas**. São Raimundo Nonato – PI: FAM, 2018.
- PASSINI, E. Y. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de Geografia**. São Paulo – SP: Cortez editora, 2012.
- RICHTER, D. **Raciocínio geográfico e mapas mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do Ensino Médio**. Tese de Doutorado: Presidente Prudente-SP: 2010.
- RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SANTOS, A. F. L.; BURITI, M. M. S. A importância da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem de Geografia. **GeoUECE (online)**, v. 9, n. 16, p. 181-194, 2020.
<https://doi.org/10.59040/GEOUECE.2317-028X.v9.n16.181-194>

SHOBE, H.; BANIS, D. Music Regions and Mental Maps: Teaching Cultural Geography, **Journal of Geography**, v. 109, n. 2, p. 87-96, 2010. <https://doi.org/10.1080/00221341.2010.482160>

SILVA, G. G. O mapa mental como metodologia de representação espacial das expressões das manifestações sociais e culturais na cidade de Goiânia – GO. **Revista Percurso – NEMO**, v. 11, n. 1, p. 27-45, 2019.

SILVEIRA, R. M. P.; CRESTANI, D.; FRICK, E. C. L. Aula de campo como prática pedagógica no ensino de Geografia para o ensino fundamental: proposta metodológica e estudo de caso. **Revista Brasileira Educacional Geográfica**, Campinas, v. 4, n. 7, p. 125-142, 2014.

SOUZA, L. D. *et al.* Poesia e Geografia: Possibilidades de ensino e aprendizado. **Revista Anais do EVIDOSOL/CILTEC-Online**, v. 6, n. 1, 2017.

WEE, B. *et al.* Metodologia visual como ferramenta de pesquisa pedagógica no ensino de geografia, **Journal of Geography in Higher Education**, v. 37, n. 2, p. 164-173, 2013.

Recebido em: 06/10/2023

Aceito para publicação em: 28/03/2024